

QUEM FAZ O SUAS
ACONTECER

O CONVÍVIO, SEU CURSO E O PERCURSO

Por Agnaldo Aparecido Geremias

Foto: Crianças atendidas pelo CCA PAULUS levam a culminância do Percurso às ruas da Freguesia do Ó/SP.

Cabeça vazia... oficina do demônio! Tira já esse menino da rua!

Minhas escusas por iniciar dessa forma, com a construção de um texto que pretende ser uma importante possibilidade reflexiva.

Desculpando-me desde já pela obviedade, desejo reafirmar que me servi de tais expressões impregnadas pela violência com plena intencionalidade e consciência, a fim de abordar o assunto no qual me direcionarei a partir daqui de forma objetiva e sucinta.

As perspectivas repressoras do Estado autoritário carregaram, durante décadas de ditadura, um olhar sobre as ações socioeducativas direcionadas a crianças e adolescentes que visavam operar eminentemente por intermédio da famigerada proposta de atividades em regime de contraturno escolar. Uma busca higienista alinhada com os aforismos advindos do senso comum, como estes que deram início ao presente ensaio.

Partindo de indulgentes propostas, intuindo ocupar o tempo dos detentores da mais tenra idade, de forma a tomar suas mentes com aquilo que se julgava como educacional, historicamente, quase tudo soou como instrumento passível de serventia no recheio do “bolo de atividades socioeducativas”. Seguindo esta metáfora gastronômica, o extenso *menu* de ações empreendidas revelou, no decorrer da era que sucedeu a Carta Magna de 1988, a realização de ações que se diziam socioeducativas e que imiscuíram desde a confecção de panos de prato e peças de artesanato até atividades tidas como eruditas, a exemplo do *ballet* ou da música instrumental barroca, e a prática de artes marciais.

Mesmo depois de ocorrido o processo normativo, a partir do qual se tipificou o que conhecemos hoje como Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV), essa cultura ainda se faz presente no dia a dia da Assistência, algo que deverá ser suplantado, se o que se deseja de fato é promover o convívio e fortalecer vínculos.

Nesta toada, superar tais perspectivas envolverá uma desconstrução a partir da qual se abandone definitivamente o olhar sobre as atividades desenvolvidas no SCFV que por ventura ainda sejam caracterizadas



Percurso realizado no território pelo CCA De Olho no Futuro, em Osasco/SP.

Foto: Arquivo PAULUS.

como fins em si mesmas. É mister compreender as ações socioeducativas como fio condutor do processo socioeducativo e estimuladoras de ambiências impregnadas por valores universais: a solidariedade como dimensão amorosa, o respeito como reconhecimento do outro na recíproca do Eu, a assunção da coletividade como compreensão das interdependências, a equidade como aceitação e compreensão das diferenças, o convívio como possibilidade de fortalecimento dos grupos sociais para o enfrentamento às violações de direitos.

Por intermédio da sensibilidade artística e da criatividade, aliadas ao planejamento e à estrutura, além da aptidão profissional para construção de ideias com potencial de alçar ideais, a sociopedagogia pautada em percursos soa como trilha possível nessa

laboriosa caminhada rumo à superação de culturas historicamente cristalizadas nos SCFV. Trata-se de uma subversão consciente dos aspectos prosaicos do trabalho social, com o intuito de trazer à tona as nuances poéticas da ação socioeducativa, tomando-as como fundamento e como ponto de partida para as relações nos espaços de convívio.

“

A solidariedade como dimensão amorosa, o respeito como reconhecimento do outro na recíproca do Eu, a assunção da coletividade como compreensão das interdependências, a equidade como aceitação e compreensão das diferenças, o convívio como possibilidade de fortalecimento dos grupos sociais para o enfrentamento às violações de direitos.

”

Essa empreitada vem sendo assumida e construída desde um passado recente pela equipe de Assessoramento da PAULUS por intermédio do Programa Direito e Cidadania, que contempla atualmente localidades que vão do extremo norte ao extremo sul do país. Esse processo de disseminação socioeducativa promove a capacitação de orientadores e educadores sociais Brasil afora, apresentando o percurso como possibilidade didática, pedagógica, vivencial, relacional, político-democrática e, acima de tudo, teórico-prática. Ao se valer da literatura e, sobretudo, da leitura como estratégias fundantes, centrais e aglutinadoras das ações empreendidas pelos orientadores e educadores sociais, o percurso compreende O SCFV como um espaço amplo da ação educativa, capaz de contemplar em seu contexto um elo inseparável entre processos cognitivos e processos vitais.

Por ocorrer em espaços cunhados pela Política da Assistência como territórios, o trabalho que ocorre no SCFV necessita ser conscientemente desenvolvido sob perspectivas que concebam a

vida como algo que acontece na localidade, ainda que ela sofra com os ruídos incontrolláveis dos processos globais.

É mister complementar e antagonicamente, no entanto, considerar a necessidade de atentar para as irreversíveis consequências da tecnologia galopante que parece ter encolhido digitalmente o mundo, intercontaminando culturas, gerando processos de globalização e perspectivas de que, num futuro muito breve, provavelmente necessitaremos repensar nossos “jeitos de viver”.

Os movimentos das populações mundiais menos favorecidas em busca de reconstrução de suas vidas em países diversos aos da sua origem apresenta-nos a necessidade crescente de rompimento com conceitos preestabelecidos acerca de Estado, Nação, Pátria e, essencialmente, do exercício da cidadania.

Sob esta perspectiva reflexiva, é imprescindível a valorização do convívio, do estreitamento dos enlaces relacionais no interior do microcosmo representado por cada um dos SCFV. Por outro lado, é necessário também o permanente estímulo para a transcendência desses lugares estanques, num movimento que estimule a compreensão dos participantes para macrocosmo onde esses espaços se acham inseridos, bem como acerca das possibilidades de acesso e participação nos movimentos sociais, espaços de controle social e de construção das políticas públicas.

Não há como negar que as edificações legais acerca dos direitos sociais no decorrer da nossa história recente revelaram avanços, entre os quais se destaca o reconhecimento da Assistência Social como direito do cidadão. Não se deve esquecer, todavia, que as batalhas travadas para que tais direitos se constituíssem como leis tiveram sua gênese na luta por Justiça Social, numa perspectiva de igualdade. O direito, a meu juízo, foi o resultado de consensos, o caminho do meio, uma receita apaziguadora de ânimos exaltados, uma garantia mínima diante daquilo que se desejava de fato. De toda sorte, o que temos diante disso são regras instituídas nesse processo “democrático” que restaram hoje como a realidade da Assistência.



Esse complexo arcabouço legal, no entanto, parece ter sido escrito a lápis. Uma condição tal que expõe todas as referidas conquistas a simples golpes de borracha ou caneta, diante dos quais se pode decretar tudo para o limbo, como se fora uma feitiçaria pueril, dessas que povoam as películas cinematográficas repletas de efeitos especiais e inspiradas em *best-sellers juvenis*.

Eis o desafio do SCFV: soar como fagulha capaz de manter acesa a chama que aquece os corações e as mentes daqueles e daquelas que necessitam lutar não só pela garantia de direitos, mas por um mundo socialmente justo. Um mantenedor das batalhas contra o pessimismo e a distopia que impregnam incansavelmente as redes de comunicação e informação. Uma localidade inspiradora da compreensão do exercício da cidadania como dimensão necessária ao sujeito e como algo magnanimamente superior ao simples ato mecânico de imprimir o polegar num *scanner* cibernético, ou teclar míseros algarismos numa maquineta acumuladora de dígitos algorítmicos que se acredita delineadora dos destinos da nação.

Daí a importância do Percurso como estratégia de proporcionar aos infantes, aos possuidores da pouca idade e suas famílias espaços de discussão, debate e reflexão capazes de lhes propiciar a tomada de consciência de seu contexto e, ao mesmo tempo, o reconhecimento de sua condição humana diante de um cotidiano de consumo e repressor, que ameaça as populações. Uma realidade que clama cada vez mais pela retomada da coletividade perdida na história, pela superação das fragmentações que transformam sujeitos em coisas, diferenças em polarizações e as relações humanas em objetos de interesse, e pela construção de um mundo onde, mais do que simplesmente sobreviver, o que se faz mais urgente é conviver.

Agnaldo Aparecido Geremias é graduado em Pedagogia, especialista em Gestão de Políticas Públicas Integradas para a Infância e Adolescência, mestrando em Educação pela Universidade Nove de Julho – UNINOVE, Educador Social na Fundação Criança de São Bernardo do Campo e membro da equipe de formadores e do Núcleo PAULUS de Formação, Pesquisa e Disseminação Social.



Culminância do Percurso realizado no CCA PAULUS é exibida nas ruas da Freguesia do Ó/SP.

Foto: Arquivo PAULUS.